

“O VATICANO É POLÍTICA...
NO VATICANO TUDO AQUILO
QUE NÃO É SAGRADO É SECRETO”

Luís Miguel Rocha

O primeiro escritor português a ser considerado *bestseller* pelo New York Times esteve em Coimbra a apresentar a sua última obra, “A Filha do Papa”. Oportunidade para uma conversa em torno das forças da igreja, do novo Papa e da nova geografia das religiões. POR BRUNO VALE

Luís Miguel Rocha veio apresentar o seu mais recente trabalho a Coimbra e, por força do quebra-gelo inicial, lá se começou a conversa por esse lugar-comum que é perguntar por Coimbra e a sua relação com os seus visitantes. Acabou por nos confessar que não abdica de escrever em Coimbra, que há sempre uma parte dos seus livros que é escrita na cidade dos estudantes, uma cidade que “não tem nada a ver comigo, mas uma cidade que me diz muito”. Dificilmente se adivinha que Luís Miguel Rocha, um autor bestseller segundo o reputado jornal New York Times, iniciou a sua vida com salários a cargo de uma empresa que filmava as missas de domingo para a TVI. Perguntámos se a sua obra literária, profundamente versada em ficção (?) vaticanista teria ido beber aí inspiração. “Não tem nada a ver uma coisa com a outra. Eu sempre escrevi, desde os meus oito anos que andava sempre com um bloquinho a escrever pequenas histórias.”

P: Então como nasceu este interesse pelas histórias de Papas e Vaticano?

O meu início na literatura começa com “Um País Encantado”, que é um histórico sobre o final da Monarquia e início da 1.ª República e a instalação do Estado Novo. Entretanto a saga do Vaticano começa com

“João Paulo I”. Eu não sabia nada do Vaticano, era um leigo em 2005, só sabia que o Papa era o João Paulo II, não queria saber de mais nada. Eis senão quando tomo contacto com a história de João Paulo I, o Papa dos 33 dias, o Papa do Sorriso, Albino Luciani. O seu pontificado foi muito curto, mas foi um homem estrondoso, absolutamente fabuloso. E a partir daí foi difícil parar. Depois começámos a conhecer teólogos, padres, bispos, cardeais, jornalistas... Há um sem número de pessoas que investigam estes temas em todo o mundo. Depois é uma espécie de troca de “cromos”: vamos conhecendo vaticanistas, escritores, historiadores, arqueólogos.

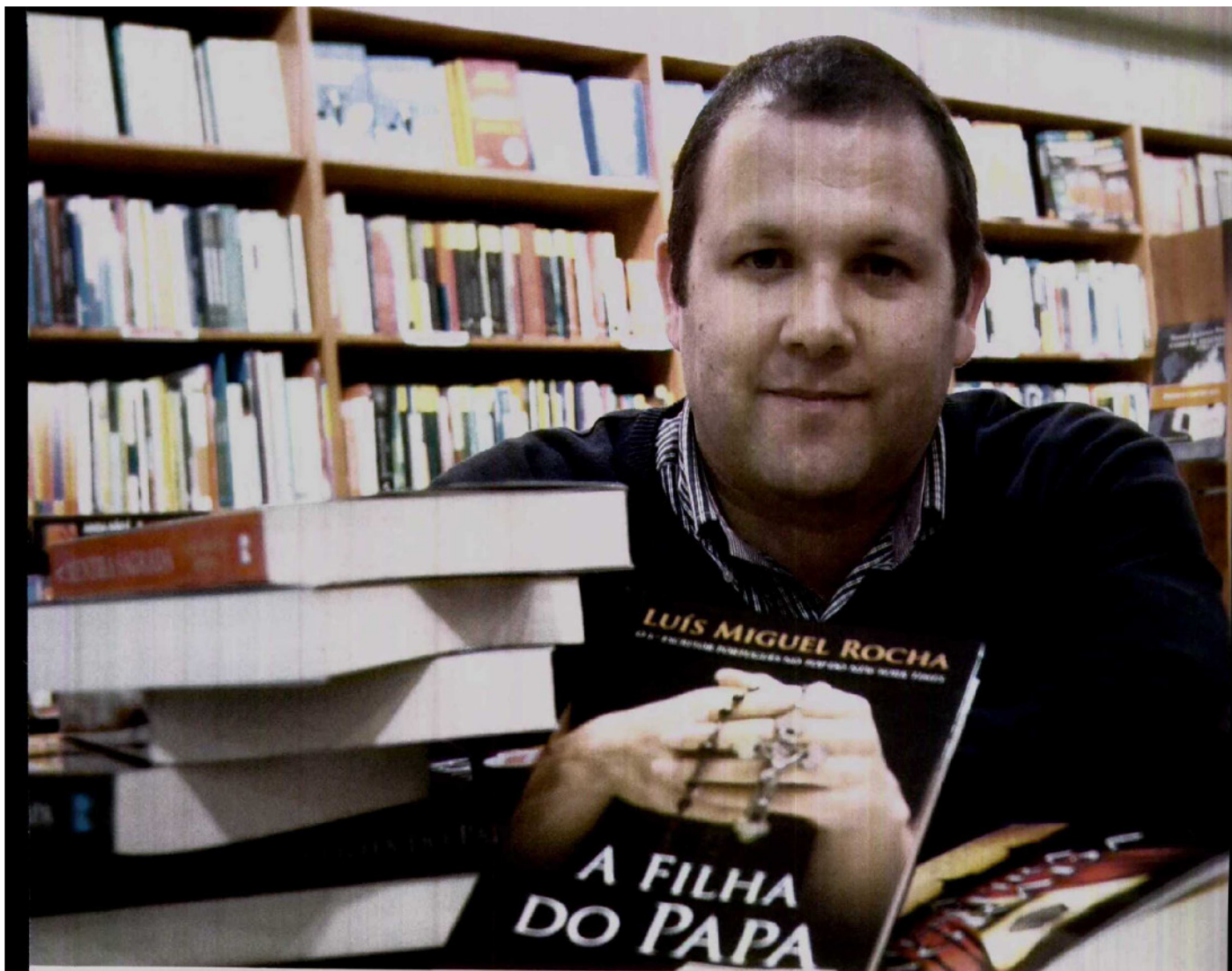
P: Para se conseguir entrar neste meio tem de se conseguir ganhar credibilidade...

R: Sim, mas acima de tudo é uma questão de contactos e de quem é que nós conhecemos. E pode chamar sorte, acaso, mas fui tendo alguns contactos com jornalistas, vaticanistas e historiadores que me aceitaram, porque eu também sempre os respeitei muito. Eu era incapaz de publicar algo que alguém me tivesse dito “isto não podes usar”. O que me acontece agora é que eu chego muito mais depressa à infor-

mação do que uma pessoa normal. Se está a acontecer alguma coisa no Vaticano, eu sei num instante.

P: Escreveria um livro sobre os últimos dois meses do Papa Bento XVI?

R: Sim, claro. Aliás, esse Papa merece um livro, especialmente pelo que fez no final. Embora o pontificado dele tenha sido muito bom em certos aspetos, nomeadamente enquanto Papa, porque enquanto Chefe de Estado foi péssimo. Politicamente ele era muito fraco e, ao contrário do que as pessoas pensam, o Vaticano é política não é religião. O Vaticano é um Estado e rege-se com as suas próprias leis, é um centro político e nesse aspeto ele não tinha qualificação para estar à frente dele e quem ele pôs a tratar da política, fez política contra ele e não a favor dele. Portanto este merece totalmente um livro. Tenho amigos, vaticanistas, que já estão a escrever sobre isso. Penso que de certeza, nos próximos meses, vai sair muito material sobre a resignação do Bento XVI. O que Bento XVI fez é um acontecimento histórico, nunca se viu. Se bem que, se Francisco fizer o mesmo, já não é um acontecimento histórico, é um escândalo. Portanto esta ideia que muitos fazem passar de que Bento XVI abriu um precedente e que isto



se calhar vai voltar a acontecer, não, isto não pode voltar a acontecer. O Papa Francisco tem de abandonar o cargo morrendo, porque senão é escandaloso. E este Papa Francisco tem muito que limpar.

P: E Francisco vai conseguir?

R: Vamos ver, é uma incógnita. Ainda é muito cedo para perceber se ele vai conseguir ou não. Ele tem uma couraça protetora muito forte chamada Companhia de Jesus. Isso é uma couraça brutal, é a ordem religiosa mais poderosa do mundo, para além de ser a maior. O líder máximo da Companhia de Jesus é alcunhado de "O Papa Negro", porque se diz que tem muito poder. Este é o primeiro Papa jesuíta da história e vem no momento certo, porque a Igreja politicamente (e não estamos a falar de religião) precisa de um Papa forte, muito forte. Os jesuitas são chamados de a linha da frente da Igreja, são chamados "os fuzileiros de Deus", isto é literal, eles são os primeiros a defender a Igreja e foram os primeiros a conquistar terrenos para a Igreja, por isso é que estão presentes em sítios onde são os únicos representantes. Mas são os primeiros a defender e defendem de corpo e alma.

"A Europa em 50 anos será Islâmica."

P: Recentemente foi descoberto um antigo documento na Turquia que descreve Jesus com um modo de vida muito semelhante ao da religião Islâmica. E quando falamos de um Papa que é sustentado pela divisão da Igreja que a pode defender...

R: Jesus nasceu judeu, viveu judeu e morreu judeu. Não fundou Igreja absolutamente nenhuma. Do ponto de vista histórico, e segundo os historiadores e arqueólogos, ele foi um inadaptado, foi um homem que viu o seu tempo e não gostava do que via. E dizia-o. Provavelmente era um homem extremamente cativante e hipnotizante até, conseguia convencer as pessoas com aquilo que dizia, mas o que ele dizia tinha sempre muita lógica. Mas de facto vir relacionar Jesus com a Igreja Católica é ousado, porque ele nunca

fundou Igreja Católica nenhuma. A Igreja é de Paulo, foi Paulo o apóstolo que nunca conheceu Jesus, mas que ouviu falar da história dele. Esta Igreja, o Cristianismo primitivo, no início chama-se o Paulinismo, porque todas as regras que conhecemos hoje da Igreja foram criadas por Paulo. Se há um pai da Igreja nem sequer é Pedro, é Paulo. E por isso tem um lugar tão similar ao de Pedro. Arqueologicamente são momentos históricos aqueles que estamos a viver, ainda no ano passado apareceu um pequeno pergaminho, do tamanho de um cartão de crédito, que falava de Madalena como companheira de Jesus, o que vem corroborar certas teorias de que de facto eles eram companheiros e que vem corroborar um pouco aquela ideia de que seria extremamente estranho que Jesus fosse solteiro com aquela idade. No ano passado também apareceu a Cidade de David, em Jerusalém. A Cidade de David, até ao seu aparecimento, era uma cidade de um livro, não se sabia se tinha existido ou não. Temos a ciência a ajudar-nos a comprovar dados bíblicos, e isso é muito interessante e, no futuro, vai demonstrar que muito daquilo

que se pensava que na Bíblia não era comprovável, se calhar é.

P: Voltando à questão do Papa jesuíta... geograficamente as religiões estão a mudar. A Igreja Católica está a sair dos países civilizados e, curiosamente, o Islamismo está a crescer dentro da Europa.

R: Sinceramente só os Serviços de Inteligência é que estão atentos a este fenómeno da demografia, de que a Europa em 50 anos será Islâmica. Eu vejo isso como um problema e não como constatação. Não estou a dizer com isto que todos os islamitas são fanáticos ou são potenciais fanáticos. Mas dentre todos aqueles que virão, com certeza que vamos ter fanáticos. Eles têm paciência e vão-nos conquistar demograficamente. É esse o grande problema do Islamismo.

P: Este é o Papa das novas cruzadas?

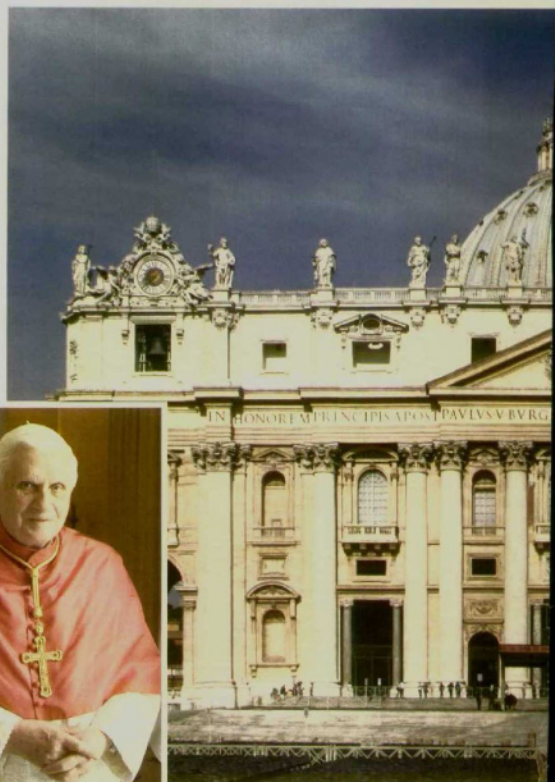
R: Nós precisamos de um Papa forte, mas Papa ecuménico, não vai dividir coisa nenhuma. Francisco está a demonstrar que é um Papa da unidade. Portanto ele não vai entrar em guerra com religiões, isso temos a certeza. Mas também não tem de entrar, porque essa guerra tem de ser travada por nós. Agora nós estamos nitidamente a caminhar para um tempo em que vamos ser uma minoria e depois como é que é o papel da mulher europeia, por exemplo, que está habituada a um conjunto de liberdades que, em minoria, com certeza vai deixar de ter? E como é que os nossos filhos e netos irão ser preparados para lidar com isso? Em princípio vamos ter França, Holanda, Alemanha, Itália, Reino Unido e 50% de Espanha com maioria muçulmana. Como é que vai ser? Ninguém está atento a este fenómeno, mas ele é grave e tem de ser resolvido.

P: O Islamismo é mais recente que o Cristianismo, pelo que há quem defenda que estamos a assistir à idade média do Islamismo, em comparação àquilo que a Igreja Católica passou com a Inquisição. Custa muito assistir a esse amadurecimento...

R: Sim, custa. É terrível aquilo que, desde crianças, incutem às pessoas. Claro que é discutível dizer quem é que está certo e quem é que está errado aqui. Para mim, ocidental, estão completamente errados, porque a pessoa tem o direito sagrado à liberdade do seu corpo, desde que não invada a liberdade das outras pessoas obviamente. E nós temos muito esse princípio, embora nós não queiramos muito ir por aí, também somos propriedade do Estado. Mas somos propriedade de uma forma diferente, nós podemos vestir o que queremos, se não

quisermos ir trabalhar não vamos, se quisermos ser indigentes somos. Ali há toda uma imposição, por base da religião, que ninguém sabe quem cria (não é o Corão, porque não está lá nada disto). Há um conjunto de pessoas que manda, que pode criar estas coisas e que, no meu entender, estão doentes da cabeça. Mas isto será um dia para um livro quando eu quiser ser massacrado (risos), porque este é um assunto muito interessante para se abordar, quero muito abordar o assunto da demografia Islâmica na Europa. É um tema que está a ser abordado na União Europeia ao nível do terrorismo, do antiterrorismo e das polícias, mas só as polícias é que estão atentas a isto. Os Governos ainda não se aperceberam que isto vai ser grave. E depois como é que vai ser? Nós já estamos a ver que os últimos atentados que aconteceram na Europa foram feitos por pessoas que nasceram no país onde fizeram o atentado. Ninguém nasceu no Médio Oriente, na Arábia Saudita, no Iraque. Os atentados do "7/7" em Londres foram ingleses árabes que o fizeram.. Um dos ditados mais interessantes que já ouvi do Médio Oriente sobre o Ocidente é que "nós vamos morrer de sono", porque estamos alerta e não conseguimos estar alerta 24 horas sobre 24 horas.

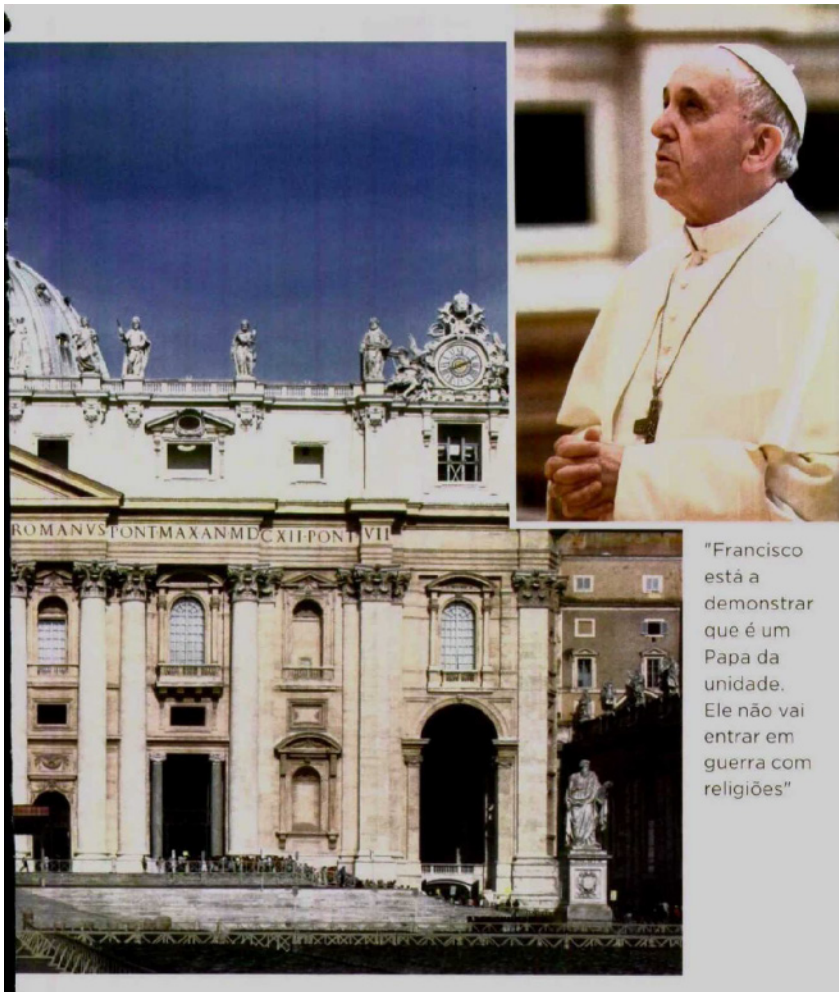
"Bento XVI foi um bom papa, mas enquanto Chefe de Estado foi péssimo."



"Vaticano é uma sociedade secreta"

P: Porque é que, mesmo com todas as histórias que nos contam desde pequenos sobre a Igreja Católica, a igreja continua tão misteriosa?

R: No Vaticano há um ditado que é mesmo certo: "No Vaticano tudo aquilo que não é sagrado é secreto". A lei é secreta, os rituais são secretos, o conclave não sabemos como é, imaginamos mas não sabemos. É um mundo muito secreto. No entanto, se formos a ver o nosso país também é muito secreto. Nós não sabemos, na realidade, como é que é uma reunião no Conselho de Ministros, porque não é feita à porta aberta, não sabemos o que é que eles lá dizem, apenas os documentos que produzem, mas isso não é em medida nenhuma o retrato do que lá se passou (se alguém gritou, guinchou, chorou...). E há um historiador francês que tem duas perguntas absolutamente fabulosas, que desarmam qualquer tese histórica bem ou mal documentada. É o Jacques Le Goff que detém as seguintes



ESTE É O
PRIMEIRO PAPA
JESUÍTA DA
HISTÓRIA. (...)

OS JESUÍTAS
SÃO CHAMADOS
"OS FUZILEIROS
DE DEUS"

"Francisco
está a
demonstrar
que é um
Papa da
unidade.
Ele não vai
entrar em
guerra com
religiões"

perguntas: "Estavas lá? Viste?" E a verdade é que nós não estamos lá, não viemos e baseamo-nos sempre em rumores. E tudo o que temos do Vaticano e tudo aquilo que teremos serão sempre rumores, nunca vamos ter a certeza de coisa nenhuma a não ser que eles queiram. Mas mesmo assim serão sempre rumores e portanto nós vivemos desses rumores. Não deixa de ser interessante que um Papa, a 11 de fevereiro diga que vai resignar porque está cansado, está doente, e 90% dos fiéis não acredita naquelas palavras. Não acreditam que ele está doente e não acreditam que ele está cansado. Acreditam que foi outra coisa qualquer. Ou seja, eles próprios não conseguem ser levados a sério, justamente porque vivem nesse manto de encobrimento, de segredo, mistério, de portas fechadas, muros altos. São inalcançáveis. Por exemplo, têm um sistema financeiro completamente podre no entanto nos seus estatutos têm lá que nenhum funcionário que pertença à Administração do Património da Santa Sé ou ao Instituto para as Obras de Religião (Banco do Vaticano) ou de qualquer outro departamento do sistema financeiro do Vaticano, nenhum pode ser detido por uma autoridade externa nem nenhum pode ser interrogado. Portanto o que é isto

senão segredo? Isto é uma organização secreta, que quer apenas manter abertos os rituais ligados à fé e à própria religião... Tanto que a parte religiosa da Santa Sé está perfeitamente delineada, nós sabemos todos os dias do ano o que é que vai ser rezado em todas as Igrejas católicas do mundo. A prática está perfeita e apurada. E temos o Estado Cidade do Vaticano e aí é política pura, disputa de poder e isto notou-se no antes da resignação e no depois da resignação de Bento XVI.

P: Um cardeal que não tem acesso ao mar de informações que depois o Papa terá de gerir, entra na Capela Sistina sabendo que vai ser eleito a figura inspiradora mundial, mas o maior gestor do mundo. Como é que se consegue chegar a um consenso para proteger estes dois interesses?

R: Esta é a empresa mais antiga do mundo. A escolha deste Papa foi muito rápida, mas há uma diferença: Enquanto em 2005 tivemos uma congregação geral - as reuniões de cardeais pré conclave -, em 2013 tivemos 10 congregações gerais. Isto quer dizer que os nomes que eram lançados para cima da mesa não chegavam a

um consenso. Foram precisas 10 reuniões para eles se decidirem a marcar o conclave, e depois já se sabia que o conclave tinha de ser rápido. Aliás, o cardeal Timothy Dolan dizia que não podia haver mais de quatro fumos negros. E realmente não houve, apenas tivemos dois fumos negros e um branco. Se o conclave tivesse sido feito na primeira semana de março, provavelmente teríamos tido um Papa italiano, porque o bloco era de 28 cardeais italianos e já se conheciam todos. Os outros vêm de países completamente diferentes, levam mais tempo a chegar e depois têm que se conhecer e falar para se entenderem e obterem consenso. Mas aqui quem jogou bem foi a chamada *Seal Team Six*, a equipa liderada por seis cardeais americanos liderada por Timothy Dolan - entre os quais estava o grande cardeal de Boston, que também gostaria de ser visto como Papa - porque começa a atrasar as congregações e diz que não se marcava a data do conclave enquanto não vissem os documentos do *Vatileaks*. Isso fez com que o poder dos 28 cardeais se fosse diluindo. Eles conseguiram atrasar o conclave uma semana e meia, até que chegou a ordem que dizia que Bento XVI instruiu que só o novo Papa poderia ter acesso ao documento *Vatileaks*, de 300 páginas, que fala de homossexualidade, mas não é nada disso porque a homossexualidade existe no Vaticano desde a sua origem e o Papa que não souber disso é completamente idiota. O que tem esse documento, quase de certeza absoluta, são os nomes e os esquemas da corrupção e das disputas de poder que existem no Vaticano e sobre quem é que está a remar contra o Vaticano em benefício próprio. E isso é que é importante que o Papa Francisco leia. Ele já tem esse documento em seu poder, provavelmente nunca nos vais dizer nada, mas pelo menos já sabe com aquilo que conta e isso é muito importante, porque já é mais do que aquilo que Bento XVI sabia. Muito mais.